

Paz em Angola

Dr. Kleber C. Coelho

Era 11 de novembro de 1975, no Largo da Independência, em Luanda, quando o Presidente do MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola), Antonio Agostinho Neto, proclamava para o mundo que os angolanos passavam a usufruir do estatuto de cidadãos livres e independentes. É que, tendo o Brasil como primeira nação a reconhecer a sua existência, estava criada a República de Angola, "status" alcançado após uma luta de libertação que durara quatorze anos, e cujos primeiros passos ocorreram com o levante popular contra as más condições de vidas e trabalho destinadas pelo sistema colonial aos trabalhadores da região de produção algodoeira, na Província do Malange, seguidos, um mês depois, em 4 de fevereiro de 1961, do efetivo início da denominada "luta armada", já aí fruto de bem coordenada conspiração política e militar orientada pelo MPLA.

Mas, se a boa fé nacional angolana e a expectativa mundial pensavam que, com a sonhada independência, chegara também a paz, enganaram-se. Simultaneamente com a independência, as consequências da então vigorante "guerra fria" se impunham em Angola, com a invasão das suas fronteiras. Ao norte, forças regulares do ditador Mobutu, do Zaire (hoje Congo), e mercenários contratados, enquanto ao sul, iguais soldados da fortuna, a soldo do "apartheid" da África do Sul,

associados à mania de poder de Jonas Savimbi e sua eufemística UNITA - União Nacional pela Independência Total de Angola, sobretudo esta, iriam prolongar o estado de guerra por mais 27 anos. Iniciava-se, com a própria independência, uma 2ª Guerra de Libertação Nacional, agora pela soberania e integridade territorial do país, com Angola apelando à solidariedade internacional e permitir-lhe rechaçar a invasão de exércitos e mercenários estrangeiros. Mas, a "guerra fria" e a criação de interesses geopolíticos dela decorrentes, ensejaram tristes condições ao fornecimento de maciço apoio à UNITA de Jonas Savimbi, a estabelecer em Angola uma devastadora guerra civil, ao custo de mais de quinhentos mil mortos, quatro milhões de deslocados de suas terras, cem mil mutilados e cinquenta mil crianças na orfandade, para não se falar no quase aniquilamento da

economia nacional.

Mas, paralelamente ao enfrentamento com o terrorismo savimbista, o governo angolano não descuidava em negociar a paz, assinando seguidos acordos. Em 1988, o de Nova York consubstanciou a retirada dos cubanos de Angola, a independência da Namíbia e início das negociações com a UNITA, visando a pacificação, com eleições livres. Era o passo para o Acordo de Bicesse/Portugal, quando marcadas eleições vencidas pelo MPLA, em 1992, cujo resultado é rejeitado por Savimbi, que volta a tentar tomar o poder pela força, através novo ciclo de guerra civil, mais violenta e martirizante para a população.

Novas conversações e é assinado, em 1994, o Protocolo de Lusaka, na Zâmbia, com integração de parte dos rebeldes às Forças Armadas, regresso dos deputados eleitos pela UNITA à Assembléia Nacional Angolana e o estabelecimento de um Governo de Unidade e Reconciliação Nacional, inclusive com a participação de Savimbi, oficialmente reconhecido como chefe das oposições. Restando o desarmamento total das forças militares da UNITA, foi criada pela ONU uma missão militar de verificação (UNAVEM), integrada

também pelo Brasil. Mas, ainda uma vez, a ânsia de Jonas Savimbi pelo poder fez voltar a guerra civil, apesar de o governo haver r e d u z i d o substancialmente

suas Forças Armadas, cumprindo a sua parte no Protocolo de Lusaka.

Daí, resultou o que se insere em declarações do Ministro da Defesa de Angola, Kundy Paiama, de que "a guerra não constitui uma opção do governo de Angola, mas, vemo-nos forçados a fazê-la porque a organização terrorista de Jonas Savimbi não nos deixa outra alternativa no cumprimento legítimo e legal de preservar a segurança e a tranquilidade das populações e a proteção de nossos bens."

Agora, desaparecido Savimbi, seguiu-se imediato comprometimento das lideranças remanescentes da UNITA ao estabelecimento imediato de uma paz duradoura, de molde a se comprovar que fôra ele o principal obstáculo à sua efetivação durante as

diversas tentativas em acordos e protocolos, nesses últimos 27 anos. A consolidação da paz, por seu turno, estará a exigir de toda a sociedade angolana sobretudo sabedoria para a pacificação dos espíritos, tolerância e respeito

recíprocos, além de mobilização geral de recursos e vontade para rápida satisfação das questões que afetam os inúmeros vitimados pela guerra, que devastou seu território, outrora denominado de "celeiro da Europa".

Contando com 1.246.700 Km², além de possuir um solo fértil e capacitado a grande variedade de culturas agrícolas,

Angola, que já foi o quarto produtor mundial de café, possui um subsolo dos mais ricos em recursos minerais, onde abundam diamantes, petróleo, ouro, ferro, manganês, fosfato, entre outros. Resta-lhe agora realizar um sonho por tantos anos adiado. Retomar o trabalho e viver uma nação politicamente livre, economicamente próspera e socialmente justa, impondo-se exigir da comunidade internacional cooperação e solidariedade neste instante de difícil transição para a paz e o desenvolvimento. Que se abram para Angola créditos financeiros, intercâmbios culturais, transfiram-lhe tecnologia, invistam no setor produtivo, na educação, na saúde. As necessidades são muitas, é bem verdade, mas as potencialidades são estimulantes.

E, dentro dessa parceria, impõe-se que o Brasil se posicione em lugar de destaque. Afinal, chegou a hora da retribuição. Não nos esqueçamos que durante os quase três séculos de escravidão, proveio de Angola a principal fonte dessa mão-de-obra que construiu a riqueza da colônia brasileira, até 1856, quando acabou o tráfico. Ao Brasil, cuja formação social possui fortes marcas africanas, competirá, doravante, expandir ainda mais o seu comércio bilateral com Angola, seu maior parceiro na África, tanto mais quanto, sem o risco da guerra, o potencial angolano está a lhe credenciar posição de destaque no âmbito da África austral, valendo, finalmente, lembrar neste instante de festa, belos versos do mais festejado dos compositores da sua música popular, Teta Lando: Angolano segue em frente// Teu destino é só um// O horizonte dos teus sonhos// Hoje é realidade!

O autor é Subprocurador-Geral da carreira do Ministério Público Militar e ex-Procurador-Geral da Justiça Militar.



Ao Brasil, cuja formação social possui fortes marcas africanas, competirá, doravante, expandir, ainda mais o seu comércio bilateral com Angola, seu maior parceiro na África